

Filólogos e processo de escrita

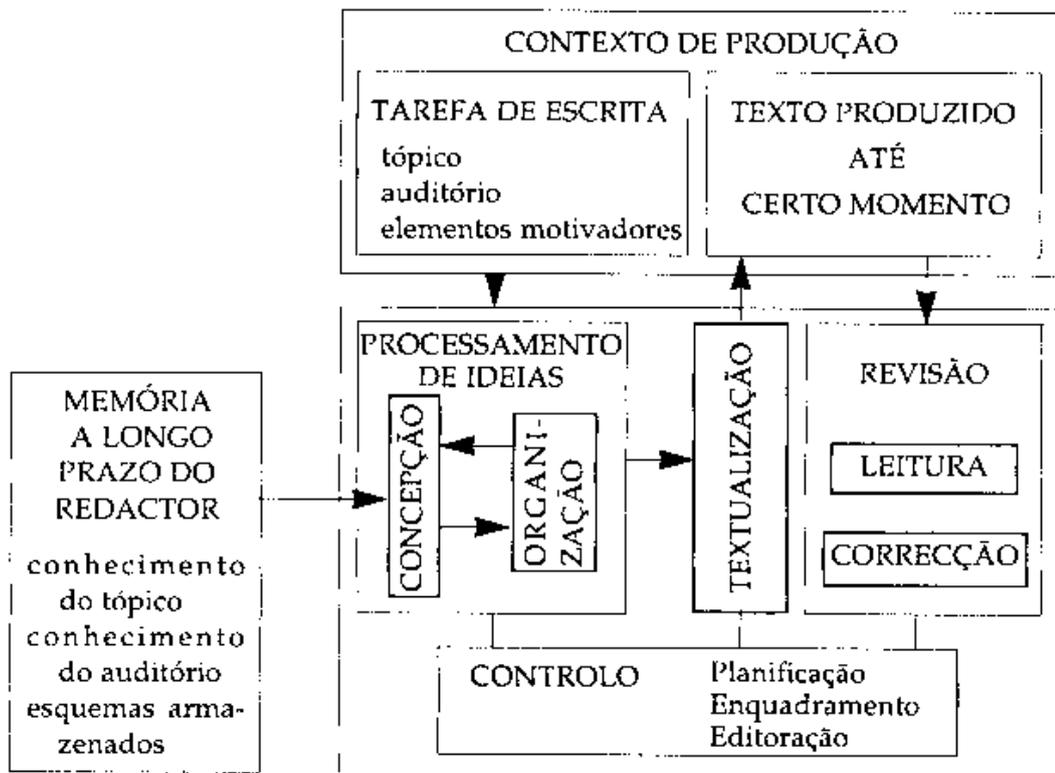
LUÍS PRISTA

(Universidade Nova de Lisboa)

Reuni relatos de como procediam, ao escreverem, filólogos que chegaram a estar activos na segunda metade do século dezanove (couberam nisto quer alguns que começaram pouco antes de 1850 – Silva Túlio, Caldas Aulete, João Félix Pereira – quer a geração de Adolfo Coelho, Carolina Michaëlis, Leite de Vasconcelos, Gonçalves Viana, Epifânio Dias, que produziu ainda no começo do século – no caso de Leite, até 41).

Depois procurei classificar cada uma dessas descrições, e para isso socorri-me do modelo do processo da produção escrita proposto por John Hayes e Linda Flower («Identifying the organization of the writing process», L. W. Gregg & E. R. Steinberg (orgs.), *Cognitive processes in writing*, pp. 3-30, Hillsdale (New Jersey), Erlbaum, 1980). Uso o modelo apenas como propulsor dos comentários aos trechos, não estando em questão o cabedal de investigações que confirmam ou infirmam a representação. Entre muitos trabalhos em que o modelo de Hayes & Flower surge discutido, cito *No mundo da escrita. Uma perspectiva psicolinguística* (2ª edição, São Paulo, Ática, 1987), de Mary A. Kato, de onde tirei a versão reformulada [na figura]; na reformulação proposta por Kato procedi somente a substituições de terminologia, e aí serviram as traduções adoptadas por Luís Filipe Barbeiro (*Consciência metalinguística e expressão escrita*, dissertação de doutoramento, Universidade do Minho, 1994, p. 98), pensadas para o modelo original mas que julgo ter integrado na versão da linguista brasileira sem prejuízo¹. Dois cuidados que podem ter ficado insuficientemente explicitados: (i) ao comentar com referência a um modelo que não é linear, antes constantemente imbricado, convém advertir a possibilidade de passar a ideia, incorrecta, de que se trata de processo que corre por fases; (ii) comentarei informações sobre gestos, à luz de um modelo que se ocupa de processamento psicolinguístico (há portanto uma assunção de circunstância, para efeitos só deste exercício, de que o processamento da escrita tem contrapartidas em gestos observáveis).

Os trechos seleccionados descrevem o comportamento do filólogo quando escrevia, bem como o cerimonial envolvente. Tais relatos podem dar do processo de escrita momentos que os autógrafos raramente conseguem apanhar (em geral, mesmo os rascunhos evidenciam sobretudo aspectos da componente 'revisão' e, eventualmente, de 'textualização'). Como queria deixar representados os elementos mais importantes do grupo, aceitei também informações mais genéricas, desde que se reportassem a modos de encarar a escrita; ainda assim, não consegui descrições para Júlio Moreira, José Joaquim Nunes, Vasconcelos Abreu – que seriam os restantes deste grupo². A apresentação será por ordem inversa da data de nascimento: Leite e Carolina, nascidos na década de 50 (58 e 51), Adolfo Coelho, nascido em 47, Epifânio e Viana, em 1841 e 1840; por fim, Caldas Aulete, João Félix Pereira, Silva Túlio, nascidos em 26, 22, 18.



Modelo de Flower & Hayes (1980) como reformulado em Kato (1986) – mas repescados alguns dos termos das traduções em Amor (1993) e Barbeiro (1994).

O relato para Carolina Michaëlis é de Silva Bastos (ele próprio de uma segunda divisão de filólogos dentro desta geração).

É um espectáculo interessante, quasi comovente, o da senhora D. Michaelis á sua mesa de trabalho. O papel é para ela mais do que um amigo: acaricia-o, como se ahí sentisse os cabelos finos e loiros de uma cabecita de anjo; parece sorrir-lhe, como pedindo-lhe previamente desculpa do fatal contacto da penna. **A mão irá pousar delicada; e traçará depois os caracteres com uma cuidada suavidade**, como quem teme abrir um rasgão na epiderme de pessoa que lhe é cara. É de vêr então a harmonia e a graça nos caracteres e nos arabescos iniciais! Vistas de relance,

dir-se-iam letras de um alfabeto exótico, fantástico e bizantino. **Sempre a mesma ordem, ponderação e método** que são os característicos de uma verdadeira personalidade. **A cada folha escrita, deitará últimos olhares**, a vêr se as linhas traçadas no papel erguem algum protesto, alguma censura, **se realmente traduzem ou não** o amor de quem as escreveu com o respeito de si-mesma levado á categoria de um culto, sabendo que o trabalho é uma necessidade do temperamento, uma força e uma fonte de encantos para o espirito. (José Timóteo da Silva Bastos, *Perfis de intelectuaes (Visitas e passeios)*, Lisboa, Tipografia do Anuário Comercial, 1908, p. 229-230)

Carolina parece não valorizar demasiado, em termos da componente 'processamento de ideias', o texto já produzido (como se não lhe fosse necessário um dos melhoramentos que Kato introduz no modelo, a seta que, comunicando com todo o rectângulo superior e não apenas com 'tarefa de escrita', representa a possibilidade de o que se acabou de lançar em texto ser gerador de ideias). O que leva a extrapolar isto é a regularidade das acções, a calma. Não deixa entretanto Carolina Michaëlis de fazer leitura de revisão, «a cada folha escrita». Mas deduz-se que essa leitura para rever, página a página, não implica depois a correcção nem trará novidades quanto a planificação. É apenas serena certificação de que nada falhou, uma leitura quase de compreensão, de quem está tão interessado em apurar a ciência que se mobiliza mais para perfeitamente entender o tópico do que para cuidar da conformação do original. É esperável que as correcções a fazer não sejam em domínios da textualização (fora gralhas); se houver reformulações a fazer, admito que sejam das que não se vão resolver no núcleo 'correção', mas implicam regresso ao módulo 'processamento de ideias'.

As observações sobre como procedia José Leite de Vasconcelos são de Orlando Ribeiro, Manuel Viegas Guerreiro, José Pedro Machado, José Guerreiro Murta, Manuel de Boaventura. (Valeria a pena ter em conta que se centram maioritariamente sobre a velhice de Leite e, parcialmente, sobre a preparação da *Etnografia Portuguesa* – não me preocupei, em nenhuma destas análises, em isolar a variável 'género do texto', que sem dúvida influencia o modo como processamos o escrito).

Leite de Vasconcelos escrevia de pé, com caneta de aparo, que tinha de ser molhado no tinteiro posto na parte superior da armação. Pouco depois, quando me viu tirar a minha caneta de tinta permanente (uma das então vulgares *Parker*, pois as esferográficas ainda andavam longe), pediu-me que não a usasse, porque «isso esborrata». E pôs a meu serviço outra caneta do género que eu preferido. Dias passados consegui convencê-lo: aquela «novidade» não trazia qualquer prejuízo e ele até a experimentou. Que sim, mas preferia continuar como até aí. [...]

[A Escola de Composição da Imprensa Nacional] era então dirigida por homem também muito competente, o Senhor Mário de Brito, das poucas pessoas que, com Dias Coelho, conseguiam interpretar os terríveis originais de Leite de Vasconcelos, como referirei mais adiante.

[As provas do 2.º volume da *Etnografia Portuguesa*] foram examinadas por nós os três (Leite de Vasconcelos, Dias Coelho e eu), com a curiosidade de **as citações não serem verificadas pelo original por que foram compostas, mas nas próprias obras** donde foram extraídas, quase todas existentes naquela admirável biblioteca.

Quem via as primeiras, tal como o técnico as compusera (ainda manualmente, letra a letra, isto há quase 60 anos) eram logo entregues com o original ao Senhor Dias Coelho.

Com o original e... como era esse original?

Coisa difícil de descrever: com algumas palavras de ligação, em vários pontos eram depósitos manuscritos de informadores obsequiosos, tal como foram recebidos, recortes, bi-

lhetes de visita, textos do próprio Leite de Vasconcelos redigidos em datas diversas, conforme ouvira a elucidação ou a colheira em determinado livro, na sua caligrafia que não era boa, **com a agravante de por vezes não acabar as palavras...**

– Oh Senhor Doutor, olhe que eles têm dificuldade em entender «isto»!

– O Mário de Brito entende...

E entendia... [...]

Depois de «limpas» por Dias Coelho, as provas chegavam-lhe às mãos para exame rigoroso, como disse, para escrupulosa verificação de citações, **leitura em voz alta para reapreciar o estilo**; nas seguintes verificava emendas, mas evitava alterações (de resto, **raras nas anteriores**) e, para fugir à necessidade de «recorrer» (o que desarticulava a disposição da mancha tipográfica e, em consequência, até cair no risco de alterar o texto), contava as letras do que pretendia acrescentar ou eliminar, para utilizar o mesmo número no que pretendia eliminar ou introduzir. Deste modo, nas linhas seguintes não se mexia.

(José Pedro Machado, «Em casa de Leite de Vasconcelos», [II Encontro de Cultura Tradicional da Beira, 1994], *Ensaios histórico-linguísticos*, p. 190-195, Lisboa, Notícias, 1996, 191-193)

Durante quatro horas, de manhã, redige a Etnografia. Depois descansa, almoça e sai para passear e ir à Imprensa Nacional, de cujos prelos saíram muitas das suas obras: **leva original, traz provas, dá indicações sobre a marcha da composição. As três em ponto está de novo em casa e, enquanto a luz natural o permite, lê ou escreve [...]**

Apesar das dores de cabeça que tinha com frequência, não deixava de trabalhar; se pela tarde adiante lhe dava o sono, **escrevia ou lia de pé, para não adormecer!**

(Orlando Ribeiro, «Vida e obras de José Leite de Vasconcelos», [1942], *José Leite de Vasconcelos. Livro do Centenário (1858-1958)*, p. 65-100, Lisboa, Imprensa Nacional, 1960, 75, 76)

«Não há ninguém no mundo que tenha tantos apontamentos a tomar como eu», disse uma vez, e quem sabe se não disse a verdade. [...]

Um dia ouvi-o dizer: «Que tempo que se perde: é um lenço, lavar as mãos, vestir-me, despirm-me.» Por isso e para acautelar esquecimentos **utilizava três canetas: havia uma sobre a mesa do escritório, outra na de cabeceira e trazia uma terceira consigo.**

[...] **os seus queridos papéis**, a que, em momentos de boa disposição chamava *pombinhas*, quando lhe voavam da mesa. [...]

No silêncio e sequestro da sua cela de trabalho, onde ninguém o podia interromper, em dias e dias sucessivos, o Mestre sentia necessidade de monologar [...] **Falava com os gatos, com os livros, com os apontamentos**, falava por falar.

(Manuel Viegas Guerreiro, «Notas para uma biografia do Doutor José Leite de Vasconcelos», *José Leite de Vasconcelos. Livro do Centenário (1858-1958)*, p. 109-137, Lisboa, Imprensa Nacional, 1960, 134, 135, 136)

Os seus apontamentos são em regra geral a lápis, parece-lhe que escreve melhor, sobretudo esboços, **nas costas das provas ou dos sobrescritos**. A redacção definitiva fá-la em papel limpo, com boa tinta e caneta leve. A preocupação que tem quando escreve é ser claro, correcto e lógico. **Não se prende muito com a literatura do estilo, mas gosta de arredondar uma frase e terminar um período elegantemente**. Isto não é porque despreze a forma ou porque não julgue que ela é um elemento literário importante, mas somente, porque, tendo muita matéria para exportar, não lhe chega o tempo para a lima; e principalmente pela natureza da matéria, pois não se faz estilo com a linguística ou a arqueologia. No entanto, emenda muito as provas; depois de impresso qualquer escrito vê-se melhor. É esta a razão com que tapa a boca aos tipógrafos que se queixam dêle: – é que estudando constantemente, **todos os dias aumenta os seus conhecimentos e isto obriga-o a enriquecer os seus escritos com novas ideias**.

Em regra escreve duma vez, mas emenda bastante.

(José Guerreiro Murta, «Leite de Vasconcelos», *Como se aprende a estudar*, p. 105-111, 2ª edição, Lisboa, Sá da Costa, 1931, 109-110)

Mas o Mestre tinha uma **letra quase microscópica**, que mal se descortinava: disse-lhe dos meus embaraços – não o sabia ler!...

É que ele possuía a virtude da economia, e em tudo a manifestava: retrucou-me, sorridente, em fino gracejo:

– Isto tem suas vantagens: economiza papel e poupa tinta.

(Manuel de Boaventura, «Leite de Vasconcelos – animador dos novos», *Actas do colóquio de estudos etnográficos «Dr. José Leite de Vasconcelos»*, I, p. 115-122, Porto, Junta do Douro Litoral, 1959, 117)

Apetece comentar os hábitos de escrita de José Leite de Vasconcelos em contraponto com os de Carolina Michaëlis. É irrelevante que escreva de pé (o que acontecerá sobretudo quando cansado), contra a mesa usada por Carolina. Simbólico é o tratamento dado às folhas: as cabecitas de anjo a acariciar para Carolina são as pombinhas que Leite se esforça por arregimentar. As operações de Carolina têm como característicos a proficiência em memória a longo prazo e a fluidez do controlo (planificação, enquadramento, editoração), enquanto que em Leite de Vasconcelos essa monitoragem é preterida pelo constrangimento que vem da cerzidura de escritos prévios. Tais trechos parcelares não equivalem, é claro, a 'texto produzido até certo momento'; condicionam todo o subprocesso de redacção e trazem às operações de textualização os mecanismos usados ao preencher lacunas entre um trecho e outro – o que é de puro copidesque. Ao contrário de Carolina Michaëlis, que revê para melhor entender todo um assunto, Leite relê em voz alta para poder corrigir, essencialmente preocupado com os aspectos de superfície de um produto que assinará – as correcções serão de amplitude intermédia, das que creio caíam em 'textualização' (também constrangida pelo zelo de evitar alterar muito a composição). Oposta à ponderação evidenciada por Carolina, a sofreguidão de Leite a tirar apontamentos radica na intenção de bem aproveitar todas as circunstâncias motivadoras, tudo o que possa induzir os sub-processos de concepção-organização, e por isso providencia ter canetas sempre à mão, pela casa estrategicamente distribuídas. Contrastam com a harmonia e graça dos caracteres de Carolina as palavras que Leite deixa por concluir em resultado da industrialização do processo: o texto é limpo na tipografia, aproveitam-se as primeiras provas para correcções de certa monta, etc., o que tudo deve significar subaproveitamento das potencialidades recursivas da escrita (em benefício da rapidez até à publicação).

O trecho para Adolfo Coelho distingue-se dos outros exemplos em ser escrito pelo próprio, por ser argumentativo e por definir pela negativa. Trata-se de réplica a Inocêncio, motivada por críticas feitas no *Diccionario Bibliographico* (em que Inocêncio retomava observações já saídas no *Aristarcho Portuguez* acerca da redacção de Adolfo Coelho em *A lingua portugueza*). Adolfo Coelho responde não escrever como os outros ou ter deixado de o fazer desde cedo: «Não gasto o meu tempo a arredondar períodos, a consultar o diccionario de epithetos, ou a evitar os pneumas que me saem dos bicos da penna». A sua discordância com o *Aristarcho* vem do diferente entendimento da tarefa e tem que ver com as instruções de tópico-auditório-tipo de texto. Essa perspectiva da tarefa de escrita reflectir-se-ia por certo na selecção dos esquemas (como fica confessado na recusa da retórica dos *litteratos*); mas o texto não acrescenta dados sobre o processo de redacção de F. Adolfo Coelho.

O ponto de vista do auctor d'esse livro, como o de todos, que fazem a critica d'essa maneira, é absolutamente diverso do ponto de vista sob que trabalho. **Não gasto o meu tempo a arredondar periodos, a consultar o dictionario de epithetos, ou a evitar os pneumas que me saem dos bicos da penna.** Aspiro unicamente a exprimir as minhas idéas com clareza e connexão logica. Quando tinha dezeseis annos, o pedantismo da eschola reagia ainda sobre o meu espirito; por isso colhia com santa paciencia em os nossos chamados classicos a flor da phrase quinhentista e seiscentista, e recheava com essas perolas d'outros tempos uns romances muito ridiculos, em cuja composição gastava as horas vagas, e sabia de cór o glossario de palavras e phrases introduzidas da lingua franceza do bom fr. Francisco de S. Luiz. Depois essas aspirações a purismo da linguagem desapareceram do meu espirito; e creio que, emancipando-me d'ellas, realisei um grande progresso. Outros, que uma vez possuidos d'uma idéa falsa são incapazes de se vencer da idéa contraria, pensam na idade avançada como eu pensava aos 16 annos. Não tenho culpa da sua puerilidade.

(Francisco Adolfo Coelho, *Algumas observações ácerca do Dictionario Bibliographico Portuguez e seu auctor*, Lisboa, Tipografia Luso-britânica, 1870, p. 7)

Pouco recolhi sobre Epifânio e Gonçalves Viana. Apenas o que deles diz José Leite de Vasconcelos nas respectivas biografias.

Sobre Epifânio:

Não era o que vulgarmente chamamos *literato*, que aformoseia o estilo: **os assuntos que tratava não lhe permitiam cuidar da elegancia ou da amplidão da fórmula** – um pouco, já se vê, por temperamento: só lhe pediam rigor logico, e simplicidade de elocução; todavia, ao apresentar ao público as suas doutrinas, investigadas sempre com o maior escrupulo, **a correcção sintatica, o apropriado do termo acudiam-lhe constantemente aos bicos da pena.** A concisão com que fazia os seus livros, essa mesma a usava quasi sempre nas cartas familiares. Conservo muitos bilhetes mandados lá de fóra durante as viagens, os quais só trouxeram escrito o nome e a data. Meros sinais de vida!

(José Leite de Vasconcelos, *Epiphanyo Dias. Sua vida e labor scientifico*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1922, p. 36)

Depreende-se que o próprio contexto da tarefa, e nele o tópico, determinavam a concisão: «os assuntos que tratava não lhe permitiam cuidar da elegancia ou da amplidão da fórmula». Bem entendido, esta economia não implica alívio dos processos que envolvem planificação, ordenação, textualização. É porém verdade que a tradução em texto era também fluente: «a correcção sintatica, o apropriado do termo acudiam-lhe constantemente aos bicos da pena». Como em Adolfo Coelho, o entendimento das condições da tarefa determina o resto do processo de escrita. Se é um bilhete, destinado a cortesia e a informação de distância, pois então não é preciso mais do que cartão com paisagem, nome e data.

Para Gonçalves Viana:

Gonçalves Viana, quando eu lhe mandava algum trabalho meu, indicava-me não raro as observações que ia fazendo na leitura, porque **tinha o costume de comentar as obras que lia**, e até juntava a algumas d'elas folhas brancas, ora intercaladas, ora no fim, para escrever os apontamentos. [...]

Viana **não tinha paciencia para se embrenhar em arquivos, decifrar manuscritos, ler obras arcaicas, meditar contextura de frases e tomar notas trabalhosas.** Nem todos podem servir para tudo! Gostava mais de ler cousas correntes e modernas, como se vê das citações que ele faz nos seus livros. Grande parte do que escrevia, **saia-lhe de um jacto.** Parecia-se aqui um tanto com Gaston Paris, que, referindo-me eu uma ocasião em sua casa aos seus apontamentos, me respondeu com espanto: «Tenho tudo aqui», e bateu na testa com a ponta do dedo indicador. Só quem dispõe de grande memoria é capaz de tais maravilhas.

(José Leite de Vasconcelos, *Gonçalves Viana. Apontamentos para a sua biografia*, Lisboa, Academia das Ciências, 1917, 22-23, 27)

Por referência ao modelo: as características de Viana, a capacidade de reter na memória de longo termo o que se relacionava com os assuntos de que se ocuparia seriam responsáveis por processamento pouco regressivo, de jacto – o que quer dizer ‘pouco alimentado pelo próprio texto em produção e com poucos interfaces a meio do percurso entre textualização e revisão’.

Para Caldas Aulete usam-se trechos do conhecido necrológio nas *Farpas*:

No fundo das algibeiras dos seus três casacos trazia sempre consigo as provisões necessárias: o tinteiro, as penas e os lápis, o papel em branco, os manuscritos, as provas tipográficas, os lenços de assoar, um pacote de rapé no seu respectivo chumbo, um par de meias, um par de sapatos, um livro de leitura para entreter as pessoas adultas e um cartucho de pastilhas para fazer presentes às crianças.

Quando na série dos acasos que constituíam a sua existência de cada dia e de cada noite ocorria o encontrar-se sentado em uma cadeira ao pé de uma banca, colocava defronte de si os papéis, abria o tinteiro, escolhia pena, esvaziava as algibeiras para dentro do chapéu, atabafava as orelhas dentro da gola do paletó, enchia de rapé os dois buracos do nariz e punha-se a trabalhar, encolhido, numa aplicação adunca, com as pernas enganchadas. Se o abandonassem era capaz de ficar a trabalhar por esse modo, fazendo, como ele dizia, o seu *crochet*, oito, dez ou doze horas, indefinidamente, enquanto tivesse papel na mesa, tinta no tinteiro, rapé no chumbo.

Quando as circunstâncias lhe não deparavam sítio em que abancasse para fazer o *crochet*, não o fazia e consolava-se desse infortúnio com uma resignação filosófica. [...]

Voltei-me para ouvir a opinião dele. Caldas estava ao fundo enconchado ao canto de um sofá, defronte de uma pequena banca. Tinha tirado o *crochet*: estava a trabalhar. – Como se fosse para si! Como se fosse para si! – dizia-me ele sem levantar os olhos do manuscrito.

(Ramalho Ortigão, «Caldas Aulete», [1879], *As farpas*, III, p. 71-81, edição integral, Lisboa, Clássica, 1969, 72-73, 76-77).

Ficamos mais informados sobre como se articulam as fases de pré-escrita e escrita do que sobre o processo redaccional. O conjunto de instrumentos de escrita e poucos requisitos de logística – uma banca – suplantam o resto do contexto quanto a determinarem a tarefa. Não percebo se é a itinerância que se torna elemento motivador, com encontros, locais, alusões em conversas, a informarem o núcleo ‘processamento de ideias’; parece porém que se desvaloriza o contexto como activador do processo de escrita, como se a tarefa estivesse tão nítida para o redactor que não exigisse outra reactivação além da própria continuação do texto a produzir-se (o qual se estenderia assim pelo tempo em que houvesse bancada a aproveitar).

João Félix Pereira também foi assunto de Ramalho – a propósito dos *Preceitos de civilidade* –, mas os parágrafos que o descrevem em ocupações de escrita tirámo-los de memórias de Albino Forjaz de Sampaio:

Escrevia sempre e tinha em casa, ao lado da sua meza de trabalho, duas saccas de linhagem, das que servem para as batatas, que ia enchendo com originaes. Escrevia em papel de 50 linhas, linha sim linha não, para emendar. Terminado o trabalho fazia d’elle um rolo que atava com um cordel e sumia-o dentro da sacca. E como a sua producção litteraria era maior do que a typografica, as duas saccas abarrotavam. Da typografia mandavam-lhe pedir original. Era mesmo o aprendiz, quem por sua indicação ia á sacca e tirava um rolo. Tanto podia sahir uma traducção de Salustio como dum trabalho sobre a influencia dos calos nas marchas forçadas.

Morava na Rua da Escola Polytechnica, morou na Rua Larga de S. Roque e morou em Camarate, onde tinha casas e casas cheias de papel impresso das suas obras. [...]

«Um dia, conta o nosso Lucas, o bom do Felix Pereira teve urgencia de um livro. Mas uma urgencia fatal, inadiavel. Convenceu-me e a outro aprendiz a que trabalhassemos o dia todo de domingo, que em troca nos daria uma boa gratificação. Nós, miudos e com pouco dinheiro, sacrificámos de bem má vontade o dia de folga, depois de uma semana de trabalho quando ainda não havia horarios. Começava-se de manhãinha e acabava-se quando o trabalho deixava. Pois aquele domingo trabalhámos os dois brutalmente, compôs-se tudo, tiraram-se provas e fomos os dois leval-as á Rua Larga de S. Roque por cima da botica Azevedo. Muito contentamento do escriptor, muitos elogios pelo nosso esforço, que elle muito bem comprehendia e no fim... meio tostão para os dois. Iamos morrendo a rir...

(Albino Forjaz de Sampaio, «O ultimo excentrico (João Felix Pereira)», *Homens de letras*, p. 223-231, Lisboa, Guimarães, 1925, 228-229, 230)

É João Félix um redactor que não se deixa afectar por diferentes contextos de produção. Não o perturbam as oscilações de assunto e público. Isso tanto pode acontecer porque efectivamente domine uma vasta gama de tópicos como por ser hábil processador-planificador e ter evidentes faculdades de bom textualizador. (É interessante que nos tenha legado um sucedâneo da sub-componente da memória de longo termo 'esquemas-planos de escrita' – o *Peculio do orador portuguez* é um repertório de 5928 lugares-comuns usáveis em conversa ou, parece-me, na escrita; trata-se de um instrumento que se destina a facilitar a quem o use mecanismos de tradução em texto, mas que exige, a quem o coligiu, dotes de textualizador retinto; em parte, como aconteceria com o seu dicionário *Os synonymos e homonymos da lingua portuguesa*; outra tarefa sua que releva sobretudo de exercício da textualização consistiu na composição de uns *Lusíadas* com eliminação de rimas e supostos arcaísmos; o mesmo se diga da fecunda actividade de tradutor.) Como quadra bem com o resto do retrato, João Félix Pereira quase prescindiria, como alimentadora da redacção, da outra componente do contexto de produção, o texto em curso. É assim que interpreto a reserva de linhas em branco, comportamento de quem empreende a revisão já em fase adiantada do processo e apenas para efeitos de correcção (e, portanto, como Leite de Vasconcelos, dissipando o diálogo que proporciona a revisão feita logo sobre os primeiros estados do texto). O amontoar de obras heterogéneas na saca onde os aprendizes as vinham apanhar fica como emblema da facilidade com que se adaptava às instruções das tarefas.

Sobre António da Silva Túlio o testemunho é de novo das *Farpas*:

A sua ocupação predilecta era a correcção das provas tipográficas da imprensa académica, feita sobre os manuscritos dos autores. Nessa tarefa obscura, inglória, prostradamente enfadonha para qualquer outro, punha ele entusiásticamente todo o seu zelo ferrenho de puritano clássico. Quanto mais a linguagem era espessa, informe, indigesta, tanto mais ele se comprazia em a desbravar, iluminar e encher. Era o que, numa das frases pitorescas do seu vocabulário peculiar, ele chamava *arregalar os olhos a uma toupeira*.

As provas andavam às vezes dias consecutivos a passear os leites da correcção gramatical, de casa dele para casa dos autores e de casa dos autores para casa dele, até se assentar na forma definitiva do verbo.

De uma vez escreveu a Latino Coelho uma erudita alegação de purismo [...] Túlio, forçado a desistir de argumentos, desceu até às súplicas, foi procurá-lo de noite, às horas silenciosas e solenes do estudo.

Não era já como académico, não era como purista, não era como escritor, era como amigo que o implorava para que consentisse em expungir da limpidez diamantina da sua prosa esse termo bastardo, essa palavra espúria, em que ele Túlio via uma nódoa grosseira, uma dedada torpe, desfeando a reputação primorosa do seu confrade. Latino teve finalmente que diluir o termo suspeito num bravo circunlóquio de acorde quinhentista, harpejado a quatro mãos no teclado do estilo. Túlio, que se esquecia sempre de alguma coisa em todas as visitas que fazia, esqueceu-se de tudo nessa noite vitoriosa: dos cigarros, da cigarreira, das luvas, da bengala, das mesmas provas; e, arrojando o cabelo da testa e afagando-o sobre a nuca, num gesto que era nele característico, foi-se embora feliz, abanado pelo triunfo, doudivado de satisfação.

O amor de corrigir provas estugava-o no desejo de corrigir tudo, e andava atarefado sempre em emendar alguma coisa, na junta consultiva da instrução pública, na biblioteca nacional, na academia. [...]

O espírito de Túlio tinha analogia com esse canapé, tão pronta era a **facilidade com que na conversação e na escrita ele escorregava repentinamente de um assunto, para cair no assunto mais remoto e mais diferente.** [...]

Felner contava-me que, na redacção de um jornal em que eles tinham colaborado juntos, **nunca o Túlio acabara um artigo no mesmo dia em que lhe dera princípio.** Ao meio da noite, depois de ter enchido com a sua larga escrita um ou dois cadernos de papel, empregando o mesmo número de palavras com que outro qualquer teria ocupado uma ou duas folhas, largava tudo e partia de repente, esfuziado, para ir ver o incêndio.

- Havia então fogo em Lisboa todas as noites?

- Algumas noites havia efectivamente. Outras noites não. Mas Túlio, à hora do costume, parava tão espavorido como se toda a cidade estivesse em chamas, e perguntava aterrado: *Vocês não ouviram tocar a fogo?... Vou ver onde é!* E desembestava como um doido pela porta fora, vencias as escadas de um trambolhão real, e não tornava a aparecer senão daí a vinte e quatro horas, trazendo um chapéu que ou lhe não entrava na cabeça ou lhe caía até os ombros, e que levava trocado na precipitação da véspera.

(Ramalho Ortigão, «Silva Túlio», [1884], *As farpas*, III, 41-51, edição *integral*, Lisboa, Clássica, 1969, 42-43, 46-47)

Darei conta quer da atracção de Silva Túlio por corrigir provas quer da tendência para interromper ou desviar-se da tarefa de escrita. A revisão referida na crónica de Ramalho não é significativa do que acontece na revisão como entendida no diagrama de Hayes & Flower. A revisão sobre provas, já se disse, não vai alimentar os outros subprocessos da redacção. Melhor, até o pode fazer, mas o produto terá de ser reprimido, conformado a curto texto que não mexa muito na composição ou a apontamentos e notas que de qualquer modo serão sempre já genotexto mas para uma nova tarefa. A outra característica do Barão de Alfenim – era esse o pseudónimo que Túlio usava nas crónicas que o elegeriam como tipo do *Grammaticus lusitanus* em crónica de Latino Coelho precisamente – corresponde a um redactor que dispõe de instruções correctas quanto ao contexto da tarefa, mas que, tendo já produzido parte do escrito, ao gerar novas ideias vai incluir informações que extravasam do tópico definido. Pode assim acontecer por a memória de Silva Túlio estar de tal maneira equipada de esque-mas-cenários, que qualquer hesitação quanto ao tópico (por exemplo, uma das provocadas pelo texto em curso) tenderia a resultar na escolha de um *script* marginal, a partir do que a produção se orientaria de modo inteiramente novo, não chegar a instaurar novas instruções (no fundo, já uma diferente tarefa). Não custa admitir que hábitos de microscopia como os que exercitava sobre provas, repetidos por cada unidade já lançada, aumentassem a probabilidade de má selecção e implicassem por isso desvio ou interrupção.

Nas atitudes dos filólogos perante a investigação há traços decalcados dos modos que preferem ao redigir.

Para Carolina e Leite bastaria citar a descrição a que chegou Maria Ana Ramos («Palavras entre filólogos: uma carta de Leite de Vasconcellos a Carolina Michaëlis», *Estudos portugueses. Homenagem a Luciana Stegagno Picchio*, p. 143-158, Lisboa, Difel, 1991, 156), a propósito de uma quase questão de prioridade científica: «Leite de Vasconcellos parece satisfazer-se com a publicação pura, algo crua, algo perdida, desprovida de espaço coerente, C. Michaëlis por seu turno mostra-se bem mais preocupada com o bom acabamento, com o carácter da sua obra, que ela pretende completa, até onde é possível e justificada em todas as suas partes».

A Adolfo Coelho interessa mais a intervenção sobre a sociedade do que a constituição de obra (não se trata forçosamente de vaidade menor do que a de Leite, só que para Coelho a necessidade de reflectir a investigação realiza-se na catequese imediata). Epifânio é movido pelo puro gozo da ciência (o que admito não seja alheio a um outro tipo de vaidade, o do probo injustiçado). Quanto a Gonçalves Viana, a quase simultaneidade entre o conhecimento da tarefa e a textualização, o tal jacto, é associável a uma característica nele mais evidente: entre todos é aquele em que ciência e comunicação de resultados diferem menos, uma ausência de mediação que é de associar à vida profissional de Viana (ao contrário dos anteriores, não era professor), aos seus campos de estudos preferenciais (os aplicativos), à propensão genial para esses trabalhos.

As descrições sobre Silva Túlio, Caldas Aulete, João Félix Pereira confirmam que se trata de elementos de outra geração, ainda de uma escola de literatos. O que em conjunto os distingue do outro grupo não está tanto no rectângulo central do modelo, o processo de redacção propriamente dito, como no modo como este é influenciado por questões de contexto da tarefa. Não escrevem para dar conta de resultados do que investigaram; investigam porque escrevem. É um género de *démarche* que os linguistas habitualmente desdenham, mas, à luz do que se sabe sobre o carácter sistémico do processo de escrita, bem podia esse género ser agora reabilitado.

NOTAS

¹ Outras traduções portuguesas do modelo: num artigo de Maria Helena Ançã («A produção escrita: processos redaccionais e pedagogia», *Noesis*, 9, Dezembro de 1988-Fevereiro de 1989, p. 4-8), que segue a adaptação francesa por Claudine Garcia-Debanç («Intérêts des modèles du processus rédactionnel pour une pédagogie de l'écriture», *Pratiques*, 49, Março de 1986, p. 23-50); em Emília Amor (*Didáctica do Português. Fundamentos e metodologia*, Lisboa, Texto, 1993, p. 110-112), que também aproveitámos. Do Brasil, além de Mary Kato, reproduz o modelo pelo menos o artigo «Modelos de processamento em produção de textos: subjetividade, autoria e monitoração», de Roxane H. R. Rojo (Mara Sofia Z. Paschoal & Maria Antonieta A. Celani (orgs.), *Linguística aplicada - da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar*, São Paulo, EDUC, 1992, p. 99-123). (Não cabendo aqui a revisão das revisões suscitadas pelo modelo de Hayes & Flower, cito apenas, por sintética, a em *Theory and practice of writing. An applied linguistic perspective*, de William Grabe &

Robert B. Kaplan (London/New York, Longman, 1996), sobretudo a p. 114-117, a que se segue cotejo com o(s) modelo(s) de Carl Bereiter & Marlene Scardamalia.)

² Para David Lopes – na verdade, mais novo – há testemunho de José Pedro Machado (*Cartas dirigidas a David Lopes*, coordenação e notas de..., Lisboa, «Ocidente», [1973]): «O grande arabista português redigia em primeira mão todos os seus trabalhos a lápis. Sobre esse primeiro texto fazia muitas emendas e sempre me causava admiração como ele interpretava escritos a lápis (repita-se), em caligrafia difícil e corrida, cheios de abreviaturas, com numerosas emendas e em linhas muito apertadas (p. 99); «[mas] uma coisa eram os seus rascunhos, outra os textos definitivos, tal como saíam das suas mãos. Estes normalmente apresentavam-se limpos, porque os respectivos ensaios tinham sido revistos repetidas vezes e com o máximo cuidado. Depois eram copiados com atenção e escritos com todo o apuro, quer se tratasse de trabalhos para tipografia, quer de correspondência. A sua caligrafia melhorara com os anos, pois a que lhe via sair das mãos superava a de apontamentos que ele me mostrava e dos textos que agora tenho entre mãos. David Lopes atribuía esse progresso ao exercício da escrita arábica» (p. 115, n. 4).